

07-04-2022

SACI, NÃO! DJATCHY GUARANI!

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Você, por certo, já ouviu falar no Saci Pererê, principalmente através da série Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato. No entanto, você sabia que ele se chama *Djatchy Djatere*? E pertence ao povo guarani? Pois bem, o *Djatchy*, é um ser encantado que representa força e existência para a nação guarani. Representa a preservação das florestas e dos elementos culturais existentes. A escritora guarani Geni Núñez, em sua obra *Djatchy Djatere: o Saci Guarani* (2020), conta quem é o Saci para seu povo. A narrativa revela características do ser encantado e sua relevância para a existência dessa nação. Tanto Geni Núñez quanto o escritor Olívio Jekupé, na obra *Ajuda do Saci* (2003), visam reafirmar a identidade desse ser encantado reivindicando coletivamente a tradição. É a retomada da narrativa, em que o *Djatchy*, tem os seguintes traços: dois braços, duas pernas, pele vermelha, cabelos pretos como a noite e é filho de *Jaxy* (Lua), que para a nação Guarani é o irmão do Sol.

Os escritores mostram assim como a espiritualidade se mantém entre os povos indígenas independente do tempo e do espaço. Na obra de Geni, é possível identificar a visão de proteção aos seres da natureza por via da figura de *Djatchy*, que cuida e protege a Mãe Terra. Na websérie *Leia autoras indígenas, O Conto Guarani* (episódio 10, 04/11/2021) reforça que é fundamental contar essas histórias, pois mantém a memória ancestral, o sentimento de pertencimento, a identidade. O que possibilita a manutenção das línguas, costumes, crenças, tradições e, sobretudo, das relações com a Terra. Geni Núñez tem 29 anos e é escritora, pesquisadora e ativista Guarani. É graduada em Psicologia, mestra em Psicologia Social e atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participa como membra da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos e é coassistente da Comissão Guarani Yvyrupa.

É mais uma voz indígena que utiliza a força da palavra para desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações contra os povos indígenas do Brasil. Os guaranis estão presentes em diversos territórios, que não eram divididos por fronteiras como hoje: Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai. A nação guarani é dividida em três povos: Kaiowá, Nhandewá e Mbya, espalhados por vários estados brasileiros: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Pará e Mato Grosso do Sul. O povo guarani é conhecido como portador de grande força espiritual. Sua cosmogonia apresenta narrativas originárias sobre vários seres encantados, como *Djatchy Djatere*, *Mboy Tata* e o *Kurupira*. A escritora reitera que seu povo se relaciona de forma muito diferente com que os *jurua kuery* (homens brancos) lidam com a Terra, recortando-a com a ideia de fronteira. Os guaranis, ao contrário, não conhecem essas fronteiras. Ressalta, também, que mesmo morando nas cidades sempre mantiveram a memória e a força do pertencimento.

A autora menciona “*As nossas lutas se fazem em conjunto, com o espiritual também, com essa relação ancestral com a Terra e a única forma de nós não desaparecermos é nós não nos esquecermos de onde viemos, para onde vamos e onde estamos. É através das histórias contadas por xeramoí xejary’i, que são os mais velhos de nosso povo, que nós relembramos todos os dias quem nós somos*”.

A ativista salienta que a luta dos povos indígenas é árdua e cansativa, seja habitando nas aldeias ou nas cidades. Isto ocorre devido ao enfrentamento diário de muitas violências, muito racismo, deslegitimação e etnocídio. Contudo, destaca a força que vem do coletivo, da luta - *mbaraete* - essa força que os guia por meio da espiritualidade. É notável a força da palavra sagrada para os guaranis por intermédio de Geni Núñez, ao evidenciar que a palavra também é vida, também é viva. Diante disso, resalto a importância de lermos autores indígenas e conhecermos suas histórias por suas próprias perspectivas. Suas narrativas não são “mitos” ou “folclore”, são aquilo que são e fazem parte daquilo que vivem. Núñez critica a forma como esse “folclore brasileiro” se apropria das narrativas indígenas e as descontextualiza. Para melhor compreensão a autora exemplifica com o caso do *Djatchy* que é um ser encantado para seu povo, cuidador da floresta e um grande sábio das ervas medicinais. *Djatchy* fuma o *petyngua*, cachimbo sagrado que solta a *tatachina*, fumaça sagrada que os conecta com o *Nhanderu*, deus guarani da infinidade das cores. Isto está presente nos cantos e na oralidade que é a grande força de suas narrativas.

Ao contrário do Saci estereotipado presente no imaginário popular brasileiro. Paolla Vilela (narradora do episódio citado) expõe que, ao conhecermos as narrativas indígenas por suas próprias perspectivas, é possível compreender a memória, o tempo e a cosmovisão indígena. Assim, essas narrativas chegam a nós de forma poética e consciente e nos levam a refletir sobre as estruturas em que estamos inseridos. Portanto, é possível combater visões deturpadas que foram enraizadas no imaginário nacional, inclusive, pela literatura brasileira do século XIX. A nação guarani foi utilizada pelo escritor romântico José de Alencar na obra *O Guarani* (1857), assim como o povo tabajara na obra *Iracema* (1865), cânones da literatura brasileira do movimento romântico chamado indianista. Contudo, conforme relatado no episódio 10, a obra nada tem a ver com o povo Guarani. Primeiro, o autor se equivoca ao misturar os povos, Goytacá e Guarani, como se fossem um único povo. São povos diferentes que pertencem ao tronco Tupi. Isto significa uma tentativa de homogeneização da diversidade étnica e radicalização dos povos, o que é um erro. E em segundo, conforme as autoras, José de Alencar utiliza dois povos considerados extintos ou assimilados, pois, para os colonizadores, o povo goytacá havia sido extinto no século XVII, por epidemias de varíola, e o povo guarani havia sido assimilado por meio da catequização. Convém problematizar que esses equívocos e essa ideia de “folclore” alimentados pela literatura e por alguns escritores com afinidade ideológica colonizadora, como provoca Julie Dorrico (2021), insistem na obliteração das origens dos saberes indígenas. O folclore foi e continua sendo uma ferramenta de dominação cultural. Ou seja, a folclorização e o apagamento das espiritualidades indígenas alimentam o racismo no imaginário nacional. Racismo este que extermina corpos indígenas desde 1500. E a literatura de produção indígena é a resposta a todas essas opressões. Conheça-a, divulgue-a! Que tal adentrar no mundo de *Djatchy Djatere* e olvidar o Saci Pererê?

“*Para nós, guarani, a palavra também pode ser uma medicina, um cataplasma que colocamos nas feridas, um abraço, um acolhimento espiritual. Eu escrevo para existir, para artesanalmente poder construir afetos em um mundo que faça sentido para mim, para quem sou, para quem somos.*” (Geni Núñez)

■ ■ ■

Referências

- . Projeto Pantan Pia'. *Leia Autoras Indígenas*. Websérie. Episódio 10: *O conto Guarani*. Geni Núñez (Escritora), Paolla Vilela (Mediação). Sesc Ipiranga. 2021.
- . Dorrico, Julie. *Folclore brasileiro versus literatura indígena: entenda a diferença*. Coluna Ecoa Uol por um mundo melhor, 2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.